

COMUNICAÇÃO

Shilb (Silves) no período islâmico – a “Bagdad do Ocidente”

COMMUNICATION

Shilb (Silves) at the islamic period – a “West of Baghdad”

Natália Maria Lopes Nunes*

Resumo

Silves, conhecida como a “Bagdad do Ocidente”, foi, durante o período islâmico, sobretudo na época das Taifas, uma cidade importante do Gharb al-Andalus. Porém, mais tarde, essa cidade perdeu a importância que teve no passado, tornando-se uma pequena cidade do interior algarvio. Nesse sentido, a pesquisa realizada para este artigo insere-se na investigação realizada sobre a herança árabe e islâmica em Portugal e que deu origem ao projecto que temos coordenado intitulado Rotas do Gharb al-Andalus. Nessa cidade, nasceram e viveram poetas e poetisas de renome, como al-Mu'tamid, Ibn 'Ammar e Maryam al-Ansari, entre outros. Alguns desses poemas oferecem uma representação da cidade com todo o seu esplendor e demonstram a importância que Silves teve no contexto do al-Andalus. A arquitectura, a sumptuosidade dos palácios, as festas, a música, a produção literária, não esquecendo ainda a mística, em que se destacou a figura de Ibn Qasi, foram elementos que contribuíram para uma certa mitificação da própria cidade, a Shilb árabe, conquistada em 713 por Abd al-Aziz e que se manteve muçulmana até ao século XIII. Actualmente, da Shilb islâmica, restam alguns vestígios desse legado, com destaque para os artefactos arqueológicos, o castelo, as muralhas, as cisternas, a produção literária, o imaginário das mouras encantadas, sobrevivência de um passado áureo e a bela paisagem inebriada pelo perfume das laranjeiras, figueiras e amendoeiras, cujo cultivo foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica. Desse saudoso passado, é testemunha o rio Arade, cujas águas e margens presenciaram a vivência da população, de mercadores, poetas, místicos e músicos... Ah... se o rio falasse!...

Palavras-chave: Silves; Gharb al-Andalus; Legado; Poesia; Mística islâmica.

Abstract

Silves, known as the "Baghdad of the West" was during the Islamic period, especially at the time of the Taifa, an important city of Gharb Al-Andalus. However, later, this city lost its importance in the past, becoming a small town in the interior of the Algarve. In this sense. The research carried out for this article is part of the research that we have been conducting on the Arab and Islamic heritage in Portugal and which gave rise to the project we have been coordinating and developing entitled Routes of the Gharb al-Andalus. In this town, they were born and lived renowned poets, such as al-Mu'tamid, Ibn 'Ammar and Maryam al-Ansari, among others. Some of his poems offer a city representation with all its splendor and demonstrate the importance of Silves had in the context of al-Andalus. The architecture, the magnificence of the palaces, festivals, music, literature, not forgetting the mystical, where stood the figure of Ibn Qasi, were elements that contributed to a certain mystification of the city itself, the Arab Shilb, conquered in 713 by Abd al-Aziz and remained Muslim until the thirteenth century. Currently, the Islamic Shilb, left few traces of this legacy, especially the archaeological artefacts, the castle, the walls, cisterns, literary production, the imagery of the enchanted Moorish, survival of a past golden age, and the beautiful inebriated landscape by scent of orange trees, fig and almond trees, whose cultivation was brought by the Arabs to the Iberian Peninsula. This past late witness is the Arade river, whose waters and margins witnessed the living of the population, merchants, poets, mystics and musicians ... Oh ... if the river speak!...

Keywords: Silves; Gharb al-Andalus; Heritage; Poetry; Islamic mysticism.

* Doutora em Literatura Portuguesa Medieval pela Universidade de Lisboa – Portugal. Professora da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Colaboradora em Portugal da Muhyiddin Ibn Arabi Society Latina (MIAS LATINA).

A temática desta comunicação insere-se no projecto que temos desenvolvido e implementado sobre as Rotas do Gharb al-Andalus em Portugal, centrando-se na revalorização e na difusão do legado islâmico no país, através de suas manifestações literárias, religiosas, arqueológicas, artístico-culturais, históricas, sociais e paisagísticas que constituem a rede de rotas a implementar em Portugal, em diversas cidades, nomeadamente em Silves, no Algarve. O património árabe e islâmico é parte integrante da História de Portugal e de sua cultura, razão pela qual surgem essas rotas como desenvolvimento de um projecto com especial enfoque na região do Alentejo e do Algarve, pretendendo-se fazer o levantamento e investigação dos vestígios do património material e imaterial árabe e islâmico em Portugal.

Podemos sintetizar que o património material é essencialmente constituído pela arquitectura, urbanismo, locais arqueológicos e geológicos, espaço agrícola e florestal, objectos de arte, mobiliário, instrumentos e utensílios diversos. Quanto ao património imaterial, este é composto por diversos elementos, como os costumes, danças, música, gastronomia, contos, lendas, poesia, ofícios, artesanato, etc. Relativamente ao património imaterial, a UNESCO destaca o seguinte:

[...] os usos, as representações, as expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes são inerentes – que as comunidades, os grupos e nalguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas comunidades e os grupos em função do seu ambiente, a sua interacção com a natureza e a sua história, infundindo neles um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para a promoção e o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana. (UNESCO, 2003).

Silves é uma cidade detentora de um espólio valioso quer material, quer imaterial, assim, este artigo justifica-se também pelo diálogo civilizacional correspondente a um período importante da História de Portugal. Na actualidade, num período conturbado de guerras e conflitos, falar do património e da sua divulgação, é também uma forma de preservação, quer a nível nacional, quer a nível internacional. Por outro lado, torna-se ainda uma tarefa primordial e contribui para o diálogo intercultural. Além disso, esta cidade, e passo a citar:

Silves foi não só o último bastião da civilização muçulmana no Extremo Ocidente (Garb) do al-Andalus, como se tornou, desde cedo, em espécie de referência, tanto em termos culturais como religiosos, envolta por auréola de misticismo e saudade, para o que terá também contribuído a sua proximidade com o grande centro de peregrinação situado no Cabo de S. Vicente. (GOMES, 2002, p. 112).

É de salientar que, em Espanha, “O Legado Andaluz” foi declarado “Itinerário Europeu” em 1997 e em 2004 “Grande Itinerário Europeu”, apresentando uma série de rotas de âmbito histórico e literário com as quais pretendemos estabelecer uma ligação e um diálogo transfronteiriço e intercultural. É ainda de referir que a UNESCO incluiu “O Legado Andaluz” no “Programa Mediterrâneo”:

El Legado Andaluzí fue declarado ‘Itinerario Cultural Europeo’ en el año 1997 siendo junto con el Camino de Santiago el único itinerario de esta categoría en España. El Reglamento del Consejo de Europa que regula los Itinerarios contempla la posibilidad de que éstos sean revisados y puedan, en función del cumplimiento de los objetivos, ascender en su categoría como ha sido el caso de El Legado Andaluzí. [...]

La UNESCO ha incluido a El Legado Andaluzí en su “Programa Mediterráneo” con nomenclatura propia, por su contribución al progreso de los pueblos mediterráneos, promoviendo el Mediterráneo como espacio eco-cultural. (“PROYECCIÓN...”, 2014).¹

Neste sentido, pretendemos demonstrar a importância da cidade de Silves (Shilb) durante o período islâmico, sobretudo na época das Taifas, uma cidade importante do Gharb al-Andalus, conhecida como a “Bagdad do Ocidente”. A cidade foi conquistada em 713, por Abd-a-Aziz e desenvolveu-se bastante durante a época muçulmana. No século VIII, passou a ser local de refúgio para alguns vencidos. É preciso salientar ainda, que a pureza da língua árabe se manteve nessa cidade até ao século XII.

No século IX, com os ataques dos Normandos, a cidade adquiriu um carácter mítico (que alguns investigadores contestam), no diálogo entre os muçulmanos e os invasores do Norte da Europa, pois foi de Silves que ‘Abd al-Raḥmān II enviou uma embaixada dirigida pelo poeta Yaḥyā b. al-Ḥakam al-Gazāl. Como afirma Irving (1968):

Además, ‘Abdurrahmán II mandó al poeta Yahyábin-al-Hakam al-Ghazál en una embajada para mejorar las relaciones con el rey de los normandos. El viaje de este embajador fue descrito con todos sus detalles por ‘Umar bin-Hasan bin-Dihyá en su libro *Al-Mutrib min Ashear Ahí al-Andalus*. La misión de Ghazál lo llevó del puerto de Silves en la provincia de Algarve, hasta una gran isla o península (la palabra *vazlra* describe ambas cosas en árabe) en el Océano Atlántico que distaba tres días de la costa de Francia. Se ausentó veinte meses, y a pesar de su edad avanzada, cayó bien a la reina normanda. Ghazál se prestaba a tal embajada por su don de gentes y su experiencia anterior en Oriente. (IRVING, 1968, 468-469).

¹ Disponível em: <<http://www.legadoandalusi.es/fundacion/principal/legado/proyeccion-internal>>.

Curiosamente, apesar de o episódio ser apresentado com toda a veracidade por alguns estudiosos, outros contrapõem tal acontecimento, afirmando tratar-se de um episódio de cariz lendário, tal como nos revela Lévi-Provençal (1967):

El poeta y su compañero habrían desempeñado su misión en el norte de Europa, después de una peligrosa travesía por el Atlántico, y regresado a Córdoba al cabo de nueve meses. Ahora bien: se trata de una fábula inventada de pies a cabeza. El relato de esta falsa embajada a Escandinavia, imaginado en el siglo XII o en el XIII, aparece como sumamente sospechoso, apenas es examinado con alguna atención, y se ve que los elementos más o menos maravillosos que lo componen están en su mayoría tomados de los episodios, ya registrados en el siglo X, de viaje de al-Gazal al imperio griego. Indudablemente, la insólita gestión del emperador de Bizancio en Córdoba y el audaz desembarco de los vikingos en tierra española, que tanto una como otra entrañaban algunos datos novelescos, acabaron por fundirse en la creencia popular de los andaluces y por favorecer el nacimiento de una leyenda común, que había de deformar paulatinamente la realidad histórica. (LÉVI-PROVENÇAL, 1967, p. 165).

Mas, é no século X, que a cidade se torna capital de distrito e, segundo al-Rāzi, Silves era considerada a maior cidade do Algarve, com destaque para algumas figuras importantes que se estabeleceram na cidade, como por exemplo, os Banū Muzayn, uma importante família de juristas. Segundo Rachid El-Hour (1998):

Como la mayor parte de las ciudades de al-Andalus, cuyas vidas socio-políticas y jurídicas estaban marcadas por el dominio de familias y poderes locales, en Silves, tras la decadencia del califato omeya, una familia local se hizo con el poder y se proclamó independiente en ese espacio geográfico. Se trata de la familia de los Banū Muzayn. (EL-HOUR, 1998, p. 41).

É também no século X, em 966, que o rio Arade é «palco de uma batalha fluvial, que terminou a favor dos muçulmanos, entre a frota de Sevilha e os barcos normandos, que compreendia, mais uma vez, uma incursão contra as terras meridionais do al-Andalus. Uma das consequências dessas novas invasões foi a criação e o desenvolvimento do estaleiro de Silves (Ibn ‘Iddhârî, II, 239).

Posteriormente, em 1041, durante o período das Taifas, al-Mu’taḍid conquista Silves, mas, ‘Isā b. Muḥammad ‘Amid al-Dawla reconquista-a em 1043. Após a sua morte, sucede-lhe o filho, ‘Isā b. Muḥammad al-Muzaffar II, tendo contribuído para o aumento das condições de defesa da cidade contra as investidas de al-Mu’taḍid. No entanto, este acaba por reconquistar, de novo, a cidade em 1052/53 e nomeia para governador o seu filho Muḥammad que se mantém no poder até suceder a seu pai como rei da Taifa de Sevilha. Nessa última sucessão, Silves passa a ter como governador o

movimento que ele tinha impulsionado. A título de exemplo, cite-se a adesão de Muḥammad b. ‘Umar b. al-Munḍīr, um homem importante de Silves, com vastos conhecimentos literários e jurídicos. Porém, mais tarde, foi também esse homem que esteve por detrás do assassinato de Ibn Qasī.

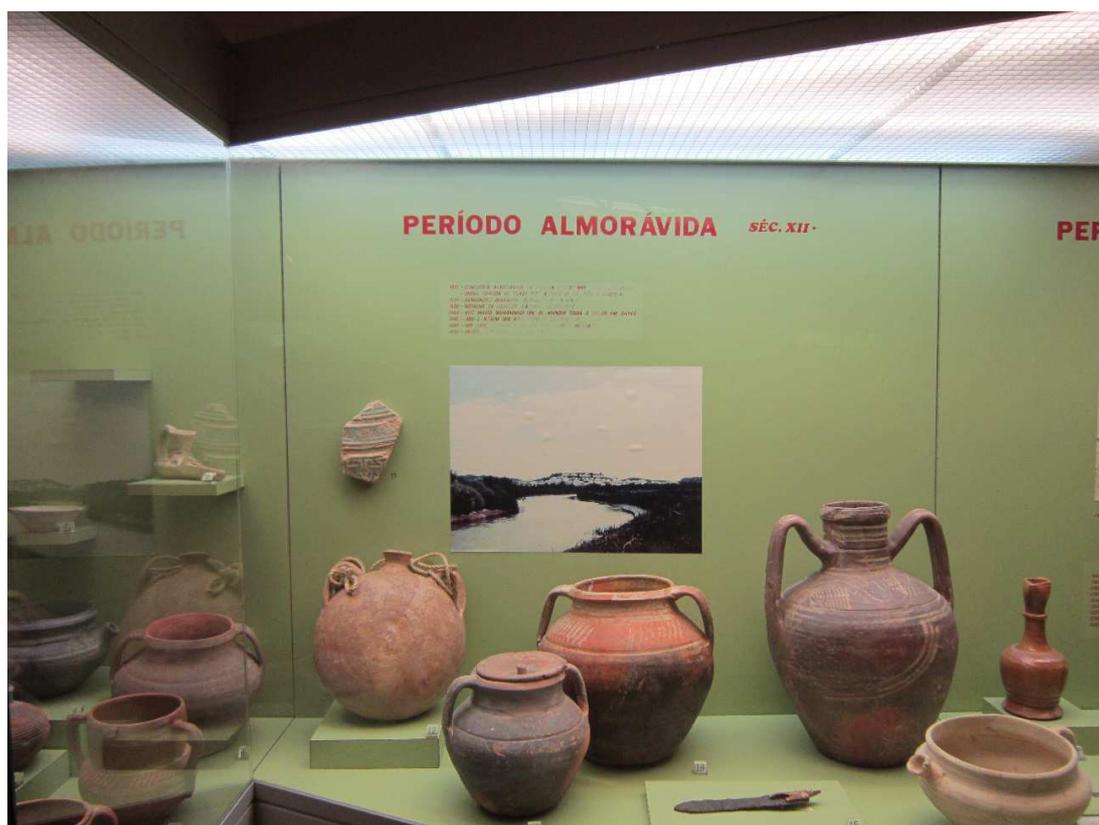
Ibn Qasī considera o combate como algo de positivo na sua doutrina religiosa, à semelhança do próprio Profeta, também ele, um combatente contra os inimigos. O *jihād*, ou guerra santa, sob a forma de *ribat*³ foi muito comum no al-Andalus. Para exemplificar, citemos o *ribat* de Aljezur, onde Ibn Qasī, intitulado de *mahdi*, ou o redentor do Islão e todos os seus seguidores, combatiam em nome da fé, em nome de Deus. O espaço fortificado era consagrado à defesa e à prática da mística, segundo os preceitos corânicos.

No contexto histórico, é importante realçar o facto de Ibn Qasī surgir numa época conturbada relativamente às dissidências entre os juristas almorávidas, considerados antropomorfistas, defensores dos aspectos humanos em Deus, em oposição aos místicos, simpatizante do conceito de unidade divina (*al-tawid*). Nesse sentido, influenciado pela doutrina de al-Ghazālī e tornando-se um reformador de Ibn Massara, tomou o título de *mahdi*, um eleito de Deus, e terá fundado e, possivelmente, fundou o seu *ribat* em Arrifana, Aljezur (o local de fundação desse *ribat* não é aceito e partilhado por todos os investigadores). Nesse, local ele e os seus seguidores praticavam uma vivência mística, sendo também espaço de defesa contra os invasores. Desse modo, Ibn Qasī, assumiu um papel político preponderante na sua época, na luta contra os almorávidas. Como afirma Pascal Buresi (2004, p. 200): Ibn Qasi, comme le Mahdi almohade, aurait revendiqué l’héritage d’al-Ghazālī, que les *fuqahā*’ almoravides avaient déclaré hérétique et innovateur coupable, pour se poser comme opposant au régime.⁴

³ Inicialmente, *ribat* é considerado um vocábulo que significa fortaleza, cuja construção era efectuada sobretudo em zonas fronteiriças. Posteriormente, esse espaço passa a ser também um local onde viviam os místicos (sufis) que, para além de místicos, eram também guerreiros.

⁴ Ibn Qasi, como o Mahdi almóada, teria reevendicado a herança de d’al-Ghazālī, que os *fuqahā*’ almorávidas tinham declarado herético e inovador culpado, por se ter colocado como um opositor ao regime.

Figura 2 – Presença Muçulmana em Silves: Época Almorávida



Fonte: Museu Municipal de Arqueologia, Silves, Portugal.

A partir de 1167, os Almóadas⁵ ocupam a cidade de Silves e Zakariyā' b. Yaḥyā b. Sinān é nomeado governador de Tavira e do resto da região, incluindo também Silves. A região começa a ser muito assolada pelos cristãos e D. Sancho I faz várias investidas e, em 1187, a cidade é tomada pelos cristãos. No entanto, em 1191, com as conquistas de Abu Yusuf Ya'qub al-Mansur a sul do Tejo (com exceção para Évora), Silves volta a ser muçulmana. O último príncipe da cidade foi Ibn Hūd Šu'ayb b. Muḥammad b. Maḥfrīz, conhecido por o “Senhor de Silves”, mas a cidade tornou-se definitivamente cristã em 1247.

É importante referir que a cidade de Silves foi mencionada por diversos geógrafos, desde o século X. Entre as várias referências, destacamos uma, a do século XII, de al-Idrīsi (REI, 2012, p. 128-129):

⁵ Almóadas: outras tribos berberes do Norte de África que surgem como um movimento religioso e político muçulmano que sucedeu aos almorávidas.

A cidade de Silves é bela, situa-se num planalto e tem uma muralha inexpugnável.

Tem pomares e hortas e a sua gente bebe do rio que lhe corre a sul e onde se situam os moinhos da região.

O mar dista dela três milhas para ocidente. Tem no rio um porto e estaleiros.

A madeira das suas montanhas é abundante, sendo exportada para muitos destinos.

A cidade, em si mesma, é bela de aspecto, com maravilhosos edifícios e bem organizados mercados.

A sua gente e os habitantes das suas aldeias são árabes do Iémen, e de outras partes, que se expressam num árabe fluente.

Falam em poesia, sendo eloquentes, habilidosos, tanto a elite como as pessoas vulgares.

Os camponeses da região, quanto à generosidade, ninguém os excede.

A cidade de Silves está no distrito de *al-Shinshin* (?) onde há figueiras, e donde são exportados para todas as partes do Ocidente. São figos bons, melosos, saborosos e apetitosos.

De Silves a Badajoz, 3 jornadas. De Silves ao Castelo de Mértola, quatro dias [...]. (AL-IDRÍSÍ, 2012).

Depois, há também uma referência anônima que destaca alguns aspectos interessantes da cidade, entre eles, a sua beleza, a fertilidade dos seus campos, a hospitalidade da sua população, os inúmeros jardins e pomares, os edifícios imponentes, a abundância de água e as suas culturas:

La ville de Silves a une situation élevée et possède un aspect merveilleux, de la noblesse, de la beauté, un système défensif, de la bonté, de la fertilité et de la perfection. Sa situation est excellente, son hospitalité remarquable, sa forteresse incontournable, et son terroir étendu [...].

On y trouve un marbre en forme de croissant lunaire. C'est une ville si antique et de fondation reculée que l'on ignore quel peuple l'a construite [...].

Dans la ville (*madina*) de Silves, il y a des nombreux jardins (*riyādāt*) et vergers (*ġanāt*), des édifices imposants, toutes espèces d'oiseaux et d'abondants cours d'eau qui sourdent de multiples sources [...].

Silves surpasse l'ensemble des autres villes (*balād*) de al-Andalus par l'abondance de ses biens, des fruits appétissants qu'elle possède, des produits de la chasse et de la pêche. Grâce à cela, elle a acquis un prestige notable et une gloire éminente. (MOLINA, 1983, p. 53-54; p. 59-60).⁶

⁶ A cidade de Silves tem uma posição alta e possui um aspecto maravilhoso, nobreza, beleza, um sistema defensivo, bondade, fertilidade e perfeição. A sua situação é excelente, a sua hospitalidade marcável, a sua fortaleza incontornável e extensas terras [...].

Aí encontra-se um mármore em forma de crescente lunar. É uma cidade antiga e de fundação remota, ignorando-se qual o povo que a construiu [...].

Na cidade (*madina*) de Silves, há numerosos jardins (*riyādāt*) e pomares (*ġanāt*), edifícios imponentes, todas as espécies de aves e abundantes cursos de água brotando múltiplas fontes [...].

Silves ultrapassa o conjunto das outras cidades (*balād*) de al-Andalus pela abundância dos seus bens, frutos apetitosos que ela possui, produtos de caça e de pesca. Graça a isso, ela adquiriu um prestígio notável e uma glória éminente. (MOLINA, 1983, p. 53-54; p. 59-60).

Para além dos cereais, das árvores de fruto e da vinha, a cidade de Silves também se destacou na produção e na exportação de linho. Por outro lado, sobre a paisagem agrícola, construíram-se ainda diversos meios de irrigação, entre eles, os poços, açudes, as famosas noras (*sāniya*) e ainda, alguns moinhos para moagem dos cereais da região. Sobre a existência de moinhos, refere Rosa Varela Gomes (2002):

Conhece-se moinho, junto ao rio Arade e denominado do Rodete, no lugar da Fragura que apresentava, até há poucos anos, na parede voltada a norte, pedra de armas real, com escudo cuja iconografia demonstra ser anterior ao reinado de D. Afonso V (Figs. 24-29). Escavações arqueológicas efectuadas no local, pelos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Sul, permitiram exumar vários fragmentos de cerâmica muçulmana pertencentes, possivelmente, às origens daquela edificação, depois reconstruída em diferentes períodos. (GOMES, 2002, p. 67).

Ainda ligado à água, foi importante a exploração de âmbar na região, sendo usado essencialmente na farmacopeia e na produção de perfumes. Mas, não podemos deixar de referir a relevância do rio Arade, cuja importância já advinha de outras épocas, nomeadamente do período fenício e romano. Ainda durante a época islâmica, o rio era navegável até às imediações das muralhas do castelo, tendo sido palco de diversos acontecimentos, não apenas comerciais, mas também bélicos, de lazer e de encontros, como é referido num dos poemas de Ibn ‘Ammār que citaremos mais adiante. A esse propósito do rio Arade, Rosa Varela Gomes (2002) afirma o seguinte:

A navegabilidade de certos rios tornou-os em importantes vias de comunicação entre a costa e o interior algarvio. O Arade, que passa junto a Silves indo desaguar a Portimão, é um bom exemplo do que referimos, pois foi, desde a Antiguidade e, pelo menos, até ao século XVI, uma das principais vias de acesso à cidade. (GOMES, 2002, p. 56).

Relativamente ao património que hoje nos resta da cidade de Silves, durante o período islâmico, há a destacar as escavações arqueológicas no castelo, um dos melhores exemplos da arquitectura árabe em Portugal, construído em grés vermelho e em taipa, sendo o local mais emblemático de Silves, cidade conhecida por “Bagdad do Ocidente”. As campanhas de escavações iniciaram-se no século XIX, com Estácio da Veiga e, nos séculos XX e XXI, têm sido desenvolvidas por Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes. No seu conjunto, dão-nos testemunho desde o século VIII até ao século XIII. No espólio das escavações, têm aparecido cerâmicas, restos de outras edificações, objectos de uso diário, como por exemplo, cântaros, jarras, taças, etc., expostas no Museu Arqueológico da cidade. Além disso, segundo as escavações mais

recentes, parece confirmar-se que o mítico Palácio das Varandas referido pelo poeta al-Mu'tamid terá existido numa zona do actual castelo.

O estudo realizado pelos arqueólogos permitiu verificar o uso de estuques, pinturas de diversas cores, elementos ornamentais, motivos com caracteres epigráficos, geométricos, entre outros. Foram também descobertos alguns silos de armazenamento de cereais, três cisternas, várias canalizações, um aljibe para abastecimento de água, latrinas, *hammam* (banhos públicos), restos de um pátio, pedaços de frascos de vidro, possivelmente para perfumes, a maior parte desses materiais atribuídos ao período almóada.

Figura 3 – Castelo de Silves



Fonte: Silves - Portugal.

Saliente-se, ainda, que o Aljibe, ou Cisterna da Moura Encantada, remete para um outro tipo de patrimônio ligado à tradição oral e muito enraizado na cultura portuguesa – o imaginário das mouras encantadas nas lendas portuguesas. Assim, para além dos achados arqueológicos e de uma literatura eloquente ligada aos poetas que nasceram em Silves, sobreviveram ainda muitas lendas de mouras e de mouros, constituindo uma grande riqueza do património imaterial. Ora, a lenda da cisterna de Silves refere a existência de uma princesa moura encantada que, em noites de S. João, lamenta a sua sorte, vagueando num barco de prata com remos de ouro, à espera que alguém a desencante.

Figura 4 – Cisterna



Fonte: Museu Municipal de Arqueologia, Silves - Portugal.

Voltando um pouco atrás, a época mais esplendorosa de Silves ocorreu quando al-Mu'tamid e os seus sucessores governaram a cidade, fazendo dela um local muito próspero, esplendoroso e cheio de charme, como se pode verificar no poema de al-

Mu'tamid “Evocação da cidade de Silves”, escrito depois do rei-poeta ter partido, para suceder ao pai no reino da Taifa de Sevilha. Como refere José Garcia Domingues (2006)⁷.

O palácio do Xarajibe, de Silves, foi, no Ocidente, uma autêntica visão das “Mil e uma Noites” [...].

Ficaram célebres as suas noites de festa e de música, de poesia e de dança, de encantamento sem par; as suas tardes suaves e mornas, de doces afagos, de reflexos violetas e de branda penumbra; os seus dias claros e ardentes de tragédia e de luta, em que os pátios e os mosaicos das salas se tingiram do sangue da vingança e do crime; as suas madrugadas de terrores, de suspeitas e de alucinações; as suas manhãs de iluminura, aureoladas pela esperança de novas e felizes alianças; as suas horas de fogo e de guerra, em que tudo se joga e tudo se ganha ou perde.

Evocar o Xarajibe é evocar uma época, um estilo de vida – a época e o estilo de vida dos luso-árabes. (DOMINGUES, 2006, p. 9).

É, pois, em estilo saudoso que o poeta al-Mu'tamid evoca a cidade, revelando todas as belezas que a compunham: o palácio al-Šarāğib, conhecido por Palácio das Varandas ou dos Balcões, com toda a sua faustuosidade, beleza e riqueza, igualando-se aos belos palácios de Bagdad. Nele, circulavam esplêndidos guerreiros (os leões) e belas donzelas (as gazelas), de ancas largas e de cintura estreita, algumas de pele branca, outras morenas. O poeta relembra também muitas das noites passadas junto do rio Arade, preso na sensualidade dos jogos amorosos, onde não faltava o vinho e a música do alaúde, provocando nele o estremecimento, o *tarab*. Na cultura árabe, esse conceito significa a emoção estética, ou seja, o êxtase e o entusiasmo provocados pela música. No poema “Evocação de Silves” de al-Mu'tamid, esse aspecto remete para as capacidades e habilidades da escrava-cantora nas artes da música e, numa fase posterior, para os jogos de amor e de sedução, quando ela tirava as vestes e se entregava ao erotismo da relação.

É de realçar a importância das escravas-cantoras na divulgação da poesia, do canto e da música, pois, muitas delas eram também poetisas. A sua posição social fazia com que fossem mulheres muito instruídas em diversas áreas do saber (música, poesia, astronomia, filosofia, etc.). O preço dessas escravas variava de acordo com as suas habilidades, mas também, conforme a sua beleza. Segundo a epístola de al- Al-Jahiz, citado por Sicard (1987), sobre as escravas-cantoras:

⁷ O artigo foi publicado na revista **Atlântico**, número 4, Nova Série, em 1947 e também em **Portugal e o Andaluz**, sob a direcção de Adalberto Alves, pela Hugin em 1997.

Dès qu'on arrive au chapitre des esclaves-chanteuses, trois sens sont associés, sans compter le cœur qui fait le quatrième : pour la vue, la contemplation d'une belle et appétissante esclave, car l'habileté [professionnelle] – hidq – et la beauté se rencontrent rarement pour le plaisir des amateurs ; pour l'ouïe [...] la joie procurée par l'instrument de musique ; pour le toucher, le désir sexuel et l'envie du bâh – coït – [...] Or [les organes des sens étant au service du] cœur, qui est le roi, c'est à qui, de l'ouïe et de la vue, sera la première à lui transmettre ce qu'elle aura reçu de la chanteuse ; tous deux se rencontrent au fond du cœur et y déversent tout ce qu'elles ont pu saisir. (SICARD, 1987, p. 335).

Além disso, contrariamente às outras mulheres, as escravas-cantoras eram mais acessíveis e isso desencadeou também as relações amorosas com essas mulheres. Muitas das vezes, fascinados pela sua sabedoria e beleza, muitos senhores casavam com as suas escravas, a exemplo do próprio rei-poeta al-Mu'tamid. Segundo Al-Wašša' (1990):

[...] que el amor por las cantoras, a pesar de los defectos que tienen, afecta más rápidamente a las almas, llega más a los corazones, se encierra mejor en los espíritus y está creado para que se desarrolle satisfactoriamente. Las cantoras ofrecen más esperanzas y tienen excusas; conseguirlas es más rápido que conseguir a las damas que viven en sus pabellones ocultas detrás de cortinas, pues se puede visitar a aquellas mientras que estas nunca están a la vista. (AL-WAŠŠA', 1990, p. 158).

Na cidade de Silves, destacam-se nomes de algumas famílias importantes, como por exemplo, os Banu Muzayn, os banu Millah, de origem yémenita, que se instalaram na cidade e ainda outras famílias ilustres, como os Banu Sana'un ibn Sufyan e os Banu Habib al-Ansārī, etc. Em Silves, nasceram e viveram outras figuras de renome, como por exemplo, os poetas Ibn 'Ammar, Abū-l-Walid ibn Habīb, as poetisas ash-Shilbā e Maryam al-Ansārī e ainda outras pessoas importantes, não apenas na poesia, mas em outras áreas do saber, de entre os quais, Ibn Badrun (poeta e historiador), Abd Allah ibn Muḥammad ibn Asside (poeta e filósofo), Abū Muḥammad 'Abd Allah ibn Muḥammad ibn as-Sid al-Batalyawsi (poeta, filósofo, lexicógrafo e gramático), 'Ali b. Halaf b. Ġālib al-Mas'ūd al-Ansārī que se dedicou ao Sufismo, Aḥmad b. Muḥammad b. Aḥmad b. 'Abd al-Malik al-Ansārī que foi transmissor de *ḥadīth* (é um conjunto de leis, ditos, lendas e histórias sobre a vida de Maomé e que constituem a *sunna*), entre outros.

Além disso, e realçando o carácter poético dos habitantes do al-Andalus, sobretudo do Gharb al-Andalus, mais especificamente da cidade de Silves, é relatado por diversas fontes que a arte poética estava tão enraizada nas populações da região, que até os trabalhadores do campo ou os camponeses improvisaram versos atrás da charrua, quando lavravam os campos. A esse propósito, Qazwini referia o seguinte:

Todos poetas! En Silves - anota Qazwini - cualquier labrador qui guiaba su carreta de buyes podía improvisar sobre el tema que se le propusiera. Los poetas cruzan toda España visitando las cortes, donde hay a su servicio aposentadores, alojamientos, gratificaciones, protocolos de audiencia, escalafones y cátedras [...].

Los altos personajes – reyes, visires, magnates, embajadores – se invitan, se excusan, se insultan, se envían regalos, se auto biografían siempre en billetes poéticos en que se comparan con los astros o con las flores. Todo poesía! Poesía en gran parte artificial y falsa, pero en la que dejan de aflorar de vez en cuando los más nobles y eternos sentimientos humanos. (GOMEZ, 1959, p. 32-33).

Por outro lado, tudo servia para fazer versos: um simples braseiro, um tanque com tartarugas, uma beringela, as laranjas e as laranjeiras, as flores, etc. Através da poesia, os poetas demonstravam a sua relação com os objectos ou os diversos elementos do quotidiano e expressavam vários sentimentos, entre eles, o amor (correspondido, ou não), a violência dos combates, o desespero, a melancolia, entre outros.

Algumas obras desses poetas oferecem uma representação da cidade com todo o seu esplendor e demonstram a importância que Silves teve no contexto do al-Andalus. Vejamos, então, a bela imagem de Silves através do poema de al-Mu'tamid:

saúda, por mim, Abú Bakr,
os queridos lugares de Silves
e diz-me se deles a saudade
é tão grande quanto a minha.
saúda o Palácio dos Balcões,
da parte de quem nunca o esqueceu,
morada de leões e de gazelas
salas e sombras onde eu
doce refúgio encontrava
entre ancas opulentas
e tão estreitas cinturas.
moças núbias e morenas
atravessavam-me a alma
como brancas espadas
como lanças escuras.
ai quantas noites fiquei
lá no remanso do rio,
preso nos jogos do amor
com a da pulseira curva,
igual aos meandros da água,
enquanto o tempo passava...
ela me serviu vinho:
o vinho do seu olhar,
às vezes o do seu copo,
e outras vezes o da boca.
tangia-me o alaúde
e eis que eu estremecia
como se estivesse ouvindo
tendões de colos cortados.

mas se retirava as vestes
grácil detalhe mostrando,
era ramo de salgueiro
que me abria o seu botão
para ostentar a flor. (ALVES, 1998, p. 242-243).

Longe de Silves, a tristeza é grande, pois a cidade é “Dona dos Corações, como afirma al-Habīb:

ó Dona dos Corações,
esteja a causa do tormento do amor,
diz adeus a quem te quer, inda uma vez,
e que, sem ti, por nada sente amor.
quando te sinto longe na lembrança
choro por ti, Silves, qual criança. (ALVES, 1998, p. 166).

Segundo ash-Shilbā, poetisa já do período almóada, Silves foi um paraíso, com a sua beleza e o encanto dos seus palácios, esplendor que se estava a perder devido aos acontecimentos da época:

de chorarem os palácios é chegada a hora
pois as próprias pedras selamentam
ó tu, que vais onde a clemência mora,
esperando pôr fim às mágoas que atormentam,
diz ao Príncipe quando chegares às suas portas:
pastor! Olha as tuas ovelhas quase mortas
que ficam sem prado para pastar;
deixaste-as à mercê de muitas feras.
um paraíso, minha Silves, eras,
tiranos te lançaram ao fogo do inferno
o castigo de Alá parecendo desprezar:
porém, nada é oculto para o Eterno. (ALVES, 1998, p. 277).

Em conclusão, a arquitectura, a sumptuosidade dos palácios, as festas, a música, a produção literária, não esquecendo ainda a mística, onde se destacou a figura de Ibn Qasī, foram elementos que contribuíram para uma certa mitificação da própria cidade, a Shilb árabe, conquistada em 713 por Abd al-Aziz e que se manteve muçulmana até ao século XIII.

Posteriormente, já no século XIV, há notícia de um terramoto em 1353 que destruiu grande parte da cidade e, mais tarde, de um sismo que também contribuiu para a destruição do património desta cidade. Este último acontecimento levou as populações, sobretudo os mouriscos, a deixarem a cidade. Já no século XV, Silves torna-se a capital do Reino do Algarve. Com a época dos Descobrimentos, muitos dos colonos que foram para os Açores e para a Madeira eram de Silves. A cidade volta a ser

abalada pelo grande terramoto de 1755, tendo sido destruída grande parte das habitações. E, no século XIX, Silves é conhecida pelo grande comércio e indústria corticeira, aspecto que veio impulsionar o crescimento da cidade até à actualidade, embora já sem actividade no presente (SILVES..., 1996; RAMOS, 2005; IRIA, 1995).

Recentemente, na continuidade dos grandes pomares da Idade Média, Silves criou uma marca própria intitulada SILVES, CAPITAL DA LARANJA, dando destaque a um dos produtos de excelência da região. Essa marca visa também contribuir para a identidade da região, para a divulgação de Silves como uma cidade com um património material e imaterial considerável, expandido-se, não apenas a nível nacional, mas também internacional, visto ser uma zona de interior, embora muita próxima das grades praias do Algarve. Em conclusão, de acordo com documento da Câmara Municipal de Silves:

Sendo um concelho único e rico em cultura, património e diversidade de ambientes, Silves diferencia-se dos demais Municípios graças ao legado deixado pelos povos árabes que passaram pelo seu território. Cultural e tecnologicamente muito avançados, os muçulmanos que governaram Silves até ao século XIII imprimiram, aqui, uma dinâmica única, que posicionava esta cidade, à época, ao nível das mais importantes da Península Ibérica e do Mediterrâneo, como Sevilha. A sua passagem produziu efeitos ao nível da agricultura, tendo introduzido técnicas e espécies ainda hoje utilizadas, como os citrinos. [...]

O concelho de Silves é, há longos anos, visto como local de produção de citrinos e, em particular, de laranjas de grande qualidade, identificadas em muitos locais como “Laranjas de Silves” e associadas à doçura, quantidade de sumo e delicadeza de aromas excepcionais. Este reconhecimento induz uma procura acentuada e uma notoriedade e visibilidade do produto que agora é reconhecida pelo Município, com a criação e registo de uma marca que procurará promover o património e o território, associando um produto à sua história, qualidades organolépticas e importância no mercado. (CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, 2017).

Ainda na actualidade, um dos eventos anuais de Julho que procura dinamizar a cidade relativamente à sua História, costumes, música, gastronomia e cultura, é a Feira Medieval. Esta movimentação atrai diversos turistas em Silves, sendo um acontecimento que marca a cidade em termos de turismo cultural e com uma grande variedade de elementos característicos de um passado de esplendor: “Durante toda a Feira a animação será constante cruzando-se os visitantes com cavaleiros, falcoeiros, arqueiros, mercadores mouros, vendedores de escravos, encantadores de serpentes, mendigos, bufões e burlões, saltimbancos e malabaristas, almocreves, levas de condenados, foragidos à justiça, [...]”. (TEATRO..., 2005).

Presentemente, da Shilb islâmica, restam alguns vestígios desse legado, com destaque para os artefactos arqueológicos, o castelo, as muralhas, as cisternas, a produção literária, o imaginário das mouras encantadas, sobrevivência de um passado áureo, e a bela paisagem inebriada pelo perfume das laranjeiras, figueiras e amendoeiras, cujo cultivo foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica. Desse saudoso passado, é testemunha o rio Arade, cujas águas e margens presenciaram a vivência da população, de mercadores, poetas, místicos e músicos ... Como demonstra o poema de Ibn Ammār, o rio foi testemunha de muitos acontecimentos, nomeadamente de alguns encontros mais clandestinos entre Ibn Ammār e al-Mu'tamid (ALVES, 1998). Ah ... se o rio falasse!...

quantas noites passadas lá no açude
sinuosas deslizavam as correntes do rio
como manchadas serpentes.

as correntes murmuravam junto de nós,
ao passar, qual gente ciumenta,
a querer magoar-nos à força da calúnia.
mas no recanto eleito
era o jardim que vinha visitar-nos
enviando seus presentes
nas perfumadas mãos da brisa. (ALVES, 1998, p. 143).

REFERÊNCIAS

- AL-IDRÎSÎ. Cidade de Silves (Madîna Shilb). In: REI, António. **O Gharb al-Andalus. Al-Aqsâ na Geografia Árabe (séculos III h/IX d. C. - XI h/XVII d. C.)**. Lisboa: IEM, 2012.
- AL-JAHIZ. **Risalat al-qiyân (Epístola sobre as escravas-cantoras)**. In: SICARD, F. **L'amour dans la risalat al-qiyân - essai sur les esclaves-chanteuses – de Jahiz**. tome XXXIV, fasc. 3, 1987. p. 326-338.
- AL-WAŞŞA', Muhammad b. Ahmad. **Libro del Brocado**. Traducción, estudio e índices de Teresa Garulo. Madrid: Alfabuara, 1990.
- ALVES, Adalberto. **O meu coração é árabe**. 3ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- BURESI, Pascal. **La Frontière entre la Chrétienté et Islam dans la Péninsule Ibérique: du Tage à la Sierra Morena (fin XIe-milieu XIIIe siècle)**. Paris: Publibook, 2004.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES. Marca Silves: capital da laranja. In: <<http://www.cm-silves.pt/pt/1705/marca-silves-capital-da-laranja.aspx>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- DOMINGUES, José Garcia. O “Xarajibe” de Silves na Poesia, na Arte e na História. **Xarajîb** [revista do Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves], Silves, n. 5, p. 9-20, 2006.
- EL-HOUR, Rachid. El Algarbe en época almorávide: aspectos políticos y jurídicos. In: **Codex Aqvilarensis**, XII (1998). (I Curso sobre la Península Ibérica y el Mediterráneo durante los siglos XI y XII (27-30 de julio de 1996). p. 35-49.
- GOMES, Rosa Varela. Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura. In: FARIA, António Marques de (coord.). **Trabalhos de Arqueologia 23**. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002.
- GOMES, Rosa Varela. Território e cultura. In: GOMES, Rosa Varela. **Silves, (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura**. Lisboa: Facsimile Lda., 2002. Cap. 2, p. 52-170. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/23/3.PDF>>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- GOMEZ, Emilio García. **Poemas Arabigoandaluces**. 4ª ed. Col. Austral. N. 162, Madrid: Esparsa-Calpe S. A., 1959.
- IRIA, A. **A Liderança de Silves na Região do Algarve nos séculos XIV e XV**. Silves: Câmara Municipal, 1995.

IRVING, T. V. **Actas III, “Celtas, magos o normandos en la Primera crónica general”**. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 1968. p. 461-472. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/03/aih_03_1_053.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

LÉVI-PROVENÇAL. **España musulmana hasta la caída del califato de Córdoba**. In: MENENDEZ-PIDAL, Ramón. **Historia de España. España musulmana**: 711-1031. vol. 4. 3ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

MOLINA, L. (éd.). **Una descripción anónima de al-Andalus**. vol. 1 e vol. 2. Madrid: CSIC, 1983. p. 53-54; 59-60.

“PROYECCIÓN internacional”, El Legado Andalusi. Disponível em: <<http://www.legadoandalusi.es/fundacion/principal/legado/proyeccion-internal>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

RAMOS, Manuel F. Castelo. **Silves no século XIX – a indústria corticeira e a cidade**. **Revista Monumentos**, Lisboa, nº 23, p. 30- 37, 2005.

SICARD, F. **L’amour dans la risalat al-qiyān – essai sur les esclaves-chanteuses – de Jahiz**. tome XXXIV, fasc. 3, 1987. p. 326-338.

SILVES nos Descobrimentos. **Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História**. Museu Municipal de Arqueologia: Silves, 1996.

TEATRO Viv’arte. **Feira Medieval de Silves**. Disponível em: <http://vivarte.weblog.com.pt/arquivo/2005/08/feira_medieval>. Ago. 2005. Acesso em: 20 fev. 2017.

UNESCO. **Convenção de 2003 para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. UNESCO, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/2003_ConventionBasic_texts_version_2012-PT.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.